

# **Arquiteturas de Espinho e Matosinhos: o Mar como motor de Progresso e gerador de Identidades**

Hugo Daniel da Silva Barreira, FLUP, hugodsbarreira@gmail.com

Patrícia Amorim Cravo da Silva, FLUP, patriciacravo@gmail.com

## **Introdução**

Espinho e Matosinhos constituem dois exemplos possíveis de povoações que devem ao Mar grande parte da sua identidade e do seu património. Um simples passeio pelas duas cidades desperta sensações diversificadas, manifestações de dois *genii locorum* distintos vinculados a um substrato comum: o Mar.

Estimulados pelo mote do II Encontro do CITCEM entendemos apresentar à Comunidade Científica o caso de duas localidades que nasceram graças aos seus recursos.

Devido às limitações de uma comunicação desta natureza foi necessário desenvolver uma estratégia que permitisse satisfazer aquilo que pretendíamos, ou seja, chamar a atenção para o património de ambas as povoações e das vicissitudes inerentes. Assim, optamos, em primeiro lugar, por dar primazia a Espinho, usando Matosinhos como uma breve comparação e, em segundo lugar, por usar as arquiteturas como nossos guias.

O meteórico desenvolvimento de Espinho, a sua tenaz emancipação e sociabilidade, bem como a sua peculiar malha urbana foram objeto de alguns estudos mais ou menos aprofundados. Encontramos diversas abordagens à malha urbana, mas poucas procuram explorar a sua criação sendo a grande maioria leituras do tempo presente.

Nesta panóplia de estudos as fotografias de diversas épocas surgem sobretudo como ilustrações, em muitos casos mal identificadas, e são, geralmente, ignoradas como fonte. Este exercício parte da cidade, do edificado, presente e passado e das suas representações. Criámos uma série de olhares sobre diversos momentos da História da Arquitetura, por oposição a um encadeamento estritamente cronológico. Sempre que a

investigação em arquivo o permitia<sup>1</sup>, acrescentamos novas informações, na maioria dos casos inéditas.

Entendemos condensar os nossos percursos e conclusões em três tabelas. A Tabela I demonstra um percurso sincrónico por alguns momentos da História das duas povoações. A Tabela II sistematiza os dados providenciados pelo nosso exercício sobre as arquiteturas de Espinho. A Tabela III ensaia uma comparação da malha urbana e edificado das duas povoações. Tratando-se de um trabalho pioneiro, com limitações, terá que ser alvo de revisões, ficando o desejo de que possa servir como base para estudos vindouros. Alguns pontos, que achamos merecedores de atenção, encontram-se aprofundados ao longo deste pequeno artigo. Percebemos no mar o *leitmotiv* do desenvolvimento de ambas as povoações, como facilmente se concluirá pelos dados reunidos.

### **As primeiras arquiteturas de Espinho**

Quando Eugénio Nunes, em 1808, faz a escritura de dote para património da capela de Nossa Senhora da Guia que mandara edificar<sup>2</sup>, esta deveria ser a única construção do então lugar de Espinho que não era um simples *palheiro*. O templo, mais tarde dedicado a Nossa Senhora da Ajuda, era modesto e as imagens que dele conhecemos sugerem uma construção muito simples e vernacular. Pesem embora as suas limitações, a pequena capela seria o único edifício “de pedra e cal” até cerca de 1843, a data tradicionalmente apontada para a notícia das quatro primeiras construções deste tipo, todas na Praça Velha<sup>3</sup>.

A fotografia mais conhecida da capela permite conhecer um aspeto da ainda muito despovoada Praça Velha. Nela vemos já o Hotel Universal, que na fachada voltada ao “adro” da capela não possuía ainda a porta. O edifício, que mais tarde albergaria a Junta Paroquial, é um simples paralelepípedo com dois níveis de altura e coberto por um telhado de quatro águas. Em fotografias posteriores, que mostram a segunda capela de Nossa Senhora da Ajuda, cuja fachada principal alinhava com o Hotel, a face apresenta já uma porta no vão central, por baixo da sacada, o que acentua

---

<sup>1</sup> Para os edifícios mais antigos as informações disponíveis são muito reduzidas devido à dificuldade de localização de processos e às perdas de fundos. Uma investigação exaustiva, a todos os títulos necessária, poderá trazer novos dados.

<sup>2</sup> Cf. BRANDÃO, 1983: 32.

<sup>3</sup> Cf. IDEM, 1991: 25.

ainda mais a assimetria do desenho da fachada. Dado que a primeira capela estava avançada em relação à linha do edifício, podemos levantar a hipótese de a porta se localizar na fachada lateral, mais tarde secundarizada com a construção da nova capela. De qualquer modo, é claro o aspeto modesto do risco do edifício cuja data de construção ignoramos.

Uma outra fotografia, que suspeitamos ter sido tirada na mesma ocasião<sup>4</sup>, mostra o arranque da futura Rua 19 junto à Praça. Por entre os palheiros, claramente visíveis, levantam-se dois edifícios que figurarão até meados do século XX em fotografias do mesmo local. Poucos anos depois, o edifício da esquerda encontra-se concluído, os palheiros removidos e o edifício da direita encontra-se em fase avançada de construção. Estamos perante os exemplos mais antigos, que conhecemos, de edifícios com alguma nobilitação. Para além de um desenho mais cuidado da fachada podemos observar uma balaustrada<sup>5</sup> no edifício da esquerda, bem como urnas ou floreiras no enfiamento dos cunhais. No edifício fronteiro, um ático recuado levanta-se por detrás da linha da balaustrada acrescentando um nível ao conjunto mas sem interferir na fachada. Uma variante desta solução, embora mais complexa e imponente, será o futuro Hotel Bragança.

Com estes dois “modelos” convivem construções mais simples, de dimensão geralmente mais pequena, quer mais antigos, quer erguendo-se ou aumentando-se no tempo coevo. Assistimos ao nascimento de dois locais, a Praça Velha, que conhecerá maior definição com a nova capela, e o chamado *Rossio*, a futura Rua 19, que com ela comunica. Um edifício, do qual não conhecemos quaisquer outros registos, corta a linha de continuidade do arruamento próximo do local que dará lugar, mais tarde, ao Largo da Graciosa.

Uma outra representação, tida correntemente como uma das mais antigas de Espinho, é um desenho, alegadamente de 1870 onde o futuro Hotel Bragança domina um desolador conjunto de palheiros e modestos prédios. O Café Chinês, construído em 1889<sup>6</sup>, ainda não existe mas também não parece existir o edifício da Assembleia, cuja construção se documenta em 1865, apenas com um piso<sup>7</sup>, sendo posteriormente aumentado. Assim, embora muito cautelosos quanto à fidelidade do desenho<sup>8</sup>, podemos

---

<sup>4</sup> Nela parece figurar o mesmo indivíduo que aparece na fotografia da Praça Velha.

<sup>5</sup> Semelhante às que ainda coroam alguns edifícios.

<sup>6</sup> Sobre os aspetos históricos e sociais destes edifícios consultar: RIBEIRO, 2001.

<sup>7</sup> RIBEIRO, 2011: 62.

<sup>8</sup> A cuja fonte original nunca encontramos referência.

colocar em causa a sua data tradicional. Por outro lado, podemos também considerar que se trata de uma representação posterior às fotografias anteriores, onde o Hotel Bragança ainda não aparece construído.

Quanto ao Hotel, sabemos que em 1876, quando Ramalho Ortigão escreve as *Praias de Portugal*, este já existia e encontrámos amiúde o rumor de que fora anteriormente uma abastada habitação. Posterior aos dois “prédios nobres”, o edifício apresenta também uma balaustrada mas que agora limita uma varanda que rodeia o ático em pelo menos duas das suas faces, nobilitada por estatuária no enfiamento dos cunhais. O ático, recuado, é ainda mais imponente que no caso anterior, apresentando quatro claraboias em fila. Esta solução, que poderia iluminar um corredor central, conferia um ar imponente e característico ao edifício, cujos vãos apresentavam verga em arco, que irá, mais tarde, pontuar vários edifícios que ainda chegaram aos nossos dias e que nos parece ser aqui utilizada, sistematicamente e em grande escala, pela primeira vez em Espinho. Deveria ser, à data da sua construção, o edifício mais alto e mais aparatoso da povoação, senhor de uma imagem que fez lamentar a sua demolição para dar lugar ao Palácio Hotel, cujas obras arrancaram em 1934<sup>9</sup>.

A fachada principal do Bragança estava voltada para a Avenida 8, artéria definida pela recente instalação do caminho-de-ferro da Linha do Norte, que conduzia a Gaia. Em 1875, mais de uma década após a instalação da linha, e cinco anos após a construção de um precário apeadeiro, Espinho recebe uma estação. O traçado da linha, alterado ligeiramente até ao final de oitocentos, começa por representar um limite da povoação. A Assembleia irá ser aumentada em mais um andar, ficando com o aspeto que apresenta nos clichés fotográficos mais famosos de Espinho, com o seu tímido frontão arredondado. Em 1898, a inspeção de obras condena alguns aspetos de segurança daquele que, pela sua função, considerava “o edifício mais importante da praia”<sup>10</sup>. Juntamente com o Café Chinês, que abre as portas em 1889 em prédio novo fronteiro ao Bragança, e com este último, integra uma tríade de edifícios que funcionarão, durante muitos anos, como o cartão-de-visita da povoação, quer pela sua localização (em frente à estação), quer pelos inúmeros clichés que publicitam Espinho através do bilhete-postal ilustrado. O Café Chinês possuía um requintado interior, que não se adivinhava pelo seu exterior muito simples. Com a novidade da luz elétrica, concorria a abundante luz natural e a eficiente ventilação, providenciada pelas amplas e

---

<sup>9</sup> BRANDÃO, 1992: 97.

<sup>10</sup> RIBEIRO, 2001: 62.

pouco espaçadas aberturas que muito impressionaram Ramalho Ortigão levando-o a falar de uma luz “que ainda não [se tinha visto] em nenhuma das escolas e galerias do País”<sup>11</sup>.

### **As plantas e a ortogonalidade**

Em 1870 o Engenheiro Bandeira Coelho elabora uma planta da povoação, que oferece à edibilidade da Feira, e na qual assinala uma malha ortogonal para expansão futura de Espinho, que será utilizada Comissão de Melhoramentos de 1876<sup>12</sup>. A planta apresenta assinaladas linhas de “invasão” marítima até 1898, pelo que se deverá tratar já de uma cópia trabalhada *a posteriori*. Nela estão assinaladas as diferentes construções, com destaque para as novas capelas de Nossa Senhora da Ajuda e de Santa Maria Maior, edificadas nos anos 70. Sem um exame mais demorado e novas investigações é difícil determinar a informação que esta planta, bem como as que se lhe seguiram, originalmente continham. Suspeitamos que na cópia do Arquivo, como instrumento de trabalho, se tenham assinalado as linhas de invasão e as novas construções religiosas, mas não podemos precisar a data dos diferentes tipos de construção. Entre eles é bem visível o espaço dos edifícios que temos vindo a identificar, ou dos seus antecessores.

Uma cidade orgânica, ainda com palheiros e “construções de madeira”, por entre as “construções modernas”, parece organizar-se em torno da Praça Velha, o futuro Largo de Nossa Senhora da Ajuda. Daqui partem a Rua do Cruzeiro (atual Rua 2 ou Esplanada da Praia), rua “central” paralela à linha férrea e a Rua 19, perpendicular, e que na sua zona poente era conhecida como Rossio. Do outro lado da linha arranca a projetada malha regular, que alguns edifícios “modernos” definiam já em três breves quarteirões a poente da linha, ainda contaminada por construções prévias e marcada por exceções como a atual Rua 62, que nascera do antigo caminho para a Ponte de Anta.

Na Praça podemos ver assinalada a velha capela, bem como a nova, que se conclui em 1883 e que, seis anos depois, viria a ser a matriz da paróquia então criada. O novo templo, alinhado com o Hotel Universal, define com ele um dos lados da praça trapezoidal e a sua implantação demonstra já algumas preocupações urbanísticas, para as quais a expansão e subsequente levantamento deverão ter contribuído. Com uma

---

<sup>11</sup> IDEM: 40.

<sup>12</sup> Sobre este assunto ver CASTRO, 2005: 66 e seguintes.

dimensão considerável (que não deveria ser muito diferente do salão da Assembleia<sup>13</sup>) a nova igreja espelha o carácter dual da assembleia a que se destina, com uma cancela a separar os banhistas, ou burgueses, mais próximos da capela-mor, da restante povoação, os pescadores. O seu traço poderá ser atribuído a Francisco Maria de Sousa Brandão<sup>14</sup>, segundo a documentação que conhecemos, e embora elogiada pelo decoro, solidez e dimensão na vistoria a que foi submetida, as suas linhas não se afastam de um convencional *fácies* classicizante.

É também nesta altura que se começam a fazer sentir as primeiras “invasões” do mar, para as quais algumas vozes já haviam alertado aquando da edificação do novo templo, e que irão ditar o seu fim.

Em 1900, uma segunda planta (embora conheçamos outros exemplares alegadamente intermédios e envoltos em dúvidas) é desenhada pelo Engenheiro Bandeira Neiva e oferecida à recém-criada edilidade de Espinho. Apresenta uma malha mais organizada, com uma maior coerência dos quarteirões de ambos os lados da linha férrea. Nela vemos assinalada a localização da futura igreja, embora o confronto com alguma da documentação sobre a construção da mesma permita questionar possíveis acrescentos ao documento original. Esta planta fornece-nos imediatamente um dado valioso: o poder criador do mar, que permitira o nascer do povoado, tornou-se agora o seu principal flagelo.

A linha férrea, que praticamente limitava a cidade a Este, atua agora como fronteira entre os três quarteirões a Oeste e os vestígios da irregular povoação original, reduzida a pouco mais que a faixa definida pelo extremo ocidental da praça. Nos dez anos seguintes, a vila de Espinho reduz-se à sua malha ortogonal, pontuada por exceções como a referida Rua 62. A Rua do Cruzeiro, atual Rua 2, antiga artéria central e comercial durante quase um século, é, em 1900, uma pequena rua periférica, que em breve definirá a linha da praia e será a mais fustigada pelas invasões do mar que se seguirão.

Os receios quanto à localização da igreja confirmar-se-ão com a sua destruição em 1904<sup>15</sup>. A velha praça e os templos nela construídos desaparecerão por completo em

---

<sup>13</sup> Sobre os primeiros templos de Espinho consultar a documentação publicada em: DIAS, 1981 e BRANDÃO, 1983.

<sup>14</sup> Cf. BRANDÃO, 1983: 34.

<sup>15</sup> Cf. BRANDÃO, 1983: 35.

1910<sup>16</sup>, transferindo-se o culto de Nossa Senhora da Ajuda para a Capela de Santa Maria Maior e a sede da Paróquia para um novo templo.

Refira-se ainda que as invasões do mar fustigarão Espinho até aos anos 70 do século XX, embora tenham diminuído na sua voracidade.

### **Um panorama das arquiteturas de Espinho**

Diz Agostinho de Andrade em 1878: «Espinho, que há doze annos não passava de algumas choças de pescadores, é hoje uma villa talvez maior do que muitas do reino, que teem esse foro! Boas hospedarias, excelentes prédios, é o que ao presente alli se vê.»<sup>17</sup>

A construção de arquiteturas “ modernas”, tal como aparecem designadas nos anos 70, contribuiu para a definição da futura malha ortogonal e esta, por sua vez, e por via dos planos de melhoramento, condicionou o edificado e fomentou a melhoria da qualidade das construções.

Como vimos, as primeiras construções mais cuidadas deverão ser anteriores à planta de Bandeira Coelho, e refletem preocupações estéticas que apenas se poderiam antever nos “palheiros de luxo” que os banhistas construíam. Por entre as expropriações que se iniciam nos anos 70 e a definição dos novos quarteirões, será que podemos delimitar alguns modelos recorrentes?

Não possuímos registos que nos permitam conhecer as primeiras casas de “pedra e cal”, mas adivinhamos a sua provável simplicidade pelas fotos mais antigas que analisámos e por edifícios como o Hotel Universal, que era tido como um bom estabelecimento e que teria dignidade suficiente para albergar a Câmara Municipal até 1908, ano em que foi destruído pelas invasões do mar<sup>18</sup>. Estes edifícios começarão a merecer um risco cada vez mais cuidado e a receber ornamentação. O azulejo protege e decora as fachadas de prédios como o Hotel Bragança e será através dele que surgirão algumas novidades *estilísticas*.

Assim, podemos definir duas tipologias principais nesta fase inicial: os edifícios mais simples e despojados, de risco menos cuidado e cujas modificações “constantes” se percebem nas fotografias sucessivas, com vãos de desenho igualmente simples,

---

<sup>16</sup> Desconhecemos se foram erigidos dois novos templos ou apenas um, uma das muitas discrepâncias presentes nos estudos sobre Espinho.

<sup>17</sup> ANDRADE, 1878: 71.

<sup>18</sup> RIBEIRO, 2001: 44.

dispostos, por vezes, em intervalos irregulares e ocasionalmente possuindo varandas em ferro. Por outro lado, os edifícios de risco mais cuidado, coroados por balaustradas e ornamentação cerâmica que se estende à fachada coberta de azulejo. Os seus vãos são dispostos regularmente, apresentam desenho cuidado e a sua altura é geralmente maior que a dos prédios mais simples.

À medida que nos aproximamos do final do século os dois “tipos” vão-se misturar, embora nunca desapareçam as distinções entre construções mais *correntes* e mais *distintas*. De um modo geral assistimos a um incremento da qualidade dos riscos, a maiores preocupações com a relação entre edifício e rua, no caso da fachada, ou quarteirão, no caso do lote (para o qual contribuem as diretivas emanadas pela edilidade como a que limita as alturas consoante a largura das ruas<sup>19</sup>).

O frontão triangular delimitado por cornija, elemento de uma nobilitação já serôdia mas recorrente nos grandes centros, é muito raro, e apenas o encontramos nas capelas (incluindo a futura matriz) e no edifício dos Bombeiros Voluntários de Espinho (que crescerá para englobar o edifício vizinho na sua configuração atual mas mantendo aspetos da traça primitiva). Mais frequente é o pequeno frontão em cantaria, de desenho variado e coroado ou não por uma estátua em acrotério. Nos edifícios mais estreitos encontramos, por vezes, uma empena triangular, definida pelas duas águas do telhado, e que alberga um piso extra, existindo diversas variações, algumas das quais chegaram aos nossos dias. Os beirais são muitas vezes sustentados por estruturas em madeira e decorados com rendilhados no mesmo material, algo muito frequente na chamada arquitetura de vilegiatura.

Devemos deter-nos brevemente sobre as chamadas «villas», «vivendas» ou «palacetes», mais corretamente designados como arquiteturas de vilegiatura. Na bibliografia, bem como na documentação, encontramos as três designações arbitrariamente utilizadas, designando edifícios com características diversas. Junto aos terrenos da antiga Feira Semanal, encontramos duas «vivendas», assinaladas com os nomes de Pereira e Constante, das quais resta atualmente apenas a segunda, e em estado avançado de degradação, cujo jardim foi amputado pela construção do edifício atual. Nada mais conseguimos encontrar sobre estas duas variações de um mesmo projeto, por sinal bastante interessante, em que elementos como a torre-mirante, o alpendre que

---

<sup>19</sup> CASTRO, 2005: 120.

contorna parte do edifício, ou a *bay window*, revestidos de uma certa erudição, disfarçam a simplicidade dos volumes.

Num contexto de semelhante isolamento encontramos um outro modelo da casa de vilegiatura, mais próximo das arquiteturas “de cidade”. A «Villa Manuella», datada de 1908, possui os tradicionais alpendres e zonas de fresco, articulados de forma algo heterogénea com o corpo principal. Solução próxima está presente no gaveto das Ruas 25 e 12, datado de 1902, embora aqui a harmonia do conjunto seja maior, em detrimento da variedade volumétrica, destacando-se a implantação do edifício numa zona mais urbanizada à data da sua construção.

O «Palacete Pena», já dos anos 30 do século XX, ecoa, a uma escala imponente e com diferentes materiais, as duas primeiras vivendas. Podemos considerá-lo uma manifestação epigonal das arquiteturas de vilegiatura, senhor de um caprichoso jogo de volumes aparatosamente articulados, num contexto de clara afirmação de uma imagem materializada. Em estado de ruína, o «palacete» respira uma certa nostalgia de revivalismo, especialmente quando, como iremos ver, outros «palacetes» se erguiam em “estilos” bem diferentes

A igreja matriz, cujas vicissitudes de concurso foram já analisadas por Regina Anacleto<sup>20</sup>, é o único edifício existente que apresenta características de um erudito revivalismo medievalizante de matriz *beauxartiana*. O interesse do projeto e uma série de particularidades da sua demorada construção mereciam uma análise muito cuidada, ainda por fazer, e que transcende as limitações deste artigo. Refira-se ainda a Praça de Touros, da autoria do engenheiro Casimiro Jerónimo de Faria, autor da Praça da Alegria no Porto<sup>21</sup>. Inaugurada em 1905<sup>22</sup>, seguia o “necessário” estilo Neoárabe, deixando as fotos perceber algum cuidado no seu desenho e à sua construção encontra-se também ligado Henrique Brandão. Esta figura, que havia oferecido o projeto de Adães Bermudes para a igreja matriz, em detrimento do de Marques da Silva, pode estar ligado a uma habitação com elementos neomedievais, situada na Rua 8, integrando o conjunto das designadas «casas da Brandão Gomes», habitações dos seus proprietários, embora não tenhamos encontrado ainda em arquivo provas que fortaleçam esta importante linha de investigação<sup>23</sup>.

---

<sup>20</sup> ANACLETO, 1997.

<sup>21</sup> RIBEIRO, 2001: 55.

<sup>22</sup> IDEM: 56.

<sup>23</sup> A qual parece especialmente tentador visto o projeto para a fábrica de Matosinhos ser neomedieval.

Como afirma Maria João Fernandes, Espinho apresentava um importante núcleo Arte Nova<sup>24</sup>, que havia dado à vila uma certa imagem sacrificada pela autofagia urbana. Para não cairmos na generalização abusiva da qual este denominado estilo tem vindo a ser vítima, devemos prosseguir com cautela e falar em elementos Arte Nova, afastando-nos da tentação que é tomar o todo pela parte. Além dos edifícios estudados pela autora, e de outros ainda existentes, devemos referir o pequeno e curioso edifício comercial do gaveto das Ruas 8 e 19. Ausente de qualquer estudo, e sem ter sido localizada qualquer informação sobre ele em arquivo até ao momento, permanece um exercício próximo da cripto-história da arte, sobrevivendo unicamente através das suas representações as quais ilustram o interesse da sua bem informada plástica.



**1 – Edifício Arte Nova no gaveto das Ruas 8 e 19. Fonte: GAIO, 1999.**

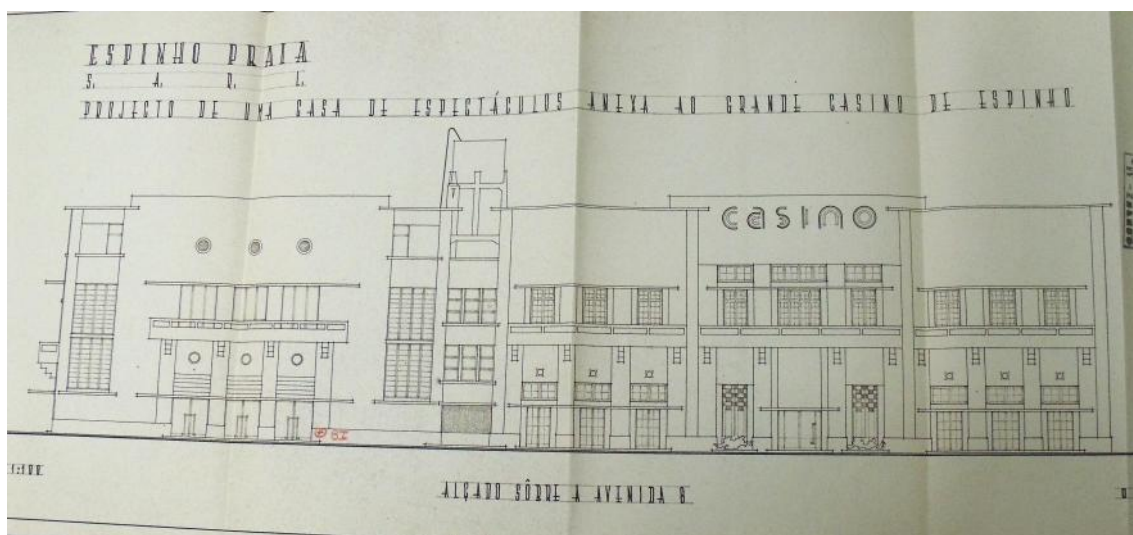
A partir da década de 30 um novo gosto construtivo começa a surgir em Espinho. Encontra-se muito marcado pelas chamadas Artes Déco e encontra expressão particular nas fábricas. Construídas, ou renovadas, geralmente na segunda metade da década de 30, edifícios como o da Fábrica Progresso, aproveitam as características dinâmicas e “modernas” das novas formas. Um discurso laudatório de um desejado progresso está patente na ornamentação, que vai da imagem literal do artigo produzido (botões, jarros, ferros de engomar) à mais “abstrata” roda dentada.

---

<sup>24</sup> FERNANDES, 1999: 93.

Digna de nota é a designação de «moderna» que a imprensa local dá a este tipo de construções. Um artigo do jornal *A Defesa de Espinho*, de 17 de Março de 1936, anuncia que a vila «havia sido enriquecida» com a construção de prédios «modernos e dignos de registo»<sup>25</sup>, são referidos alguns exemplares como a renovada Fábrica Progresso, casas e prédios na Rua 18 ou o «palacete» no gaveto das Ruas 16 e 23. A designação de palacete aplicada a um edifício já demolido e cujos registos não conseguimos ainda localizar, mas que, tendo em conta os exemplares referidos, seria de gosto próximo das Artes Déco, é particularmente digna de nota.

Na década de 40, a paisagem urbana é marcada por aquilo que podemos designar de arquiteturas modernas. Aqui agrupamos, por comodidade e por considerarmos necessária uma revisão destes conceitos para a história da arquitetura portuguesa, diversos projetos que, pela sua disparidade, poderiam ser conotados de «modernistas», «Estado Novo», «Português Suave», etc.



**2 – Cineteatro e Casino de Espinho. Alçado sobre a Avenida 8. Arquiteto Carlos Ramos. Fonte: AME.**

O Hotel Palácio pode ser visto como um momento de transição entre o gosto Déco e o modernismo mais assumido, progressivamente despojado das marcas decorativas. Posteriormente surge o casino, harmonizado com o hotel, e, por fim, o cineteatro, inaugurado em 1951<sup>26</sup>, formando um homogéneo conjunto. A dúvida da autoria do ficou esclarecida com a leitura da «Memória Descritiva e Justificativa» do cineteatro. O documento é esclarecedor de uma série de questões, nomeadamente a de um projeto prévio, da autoria do «construtor civil» Miguel de Oliveira Duarte, já

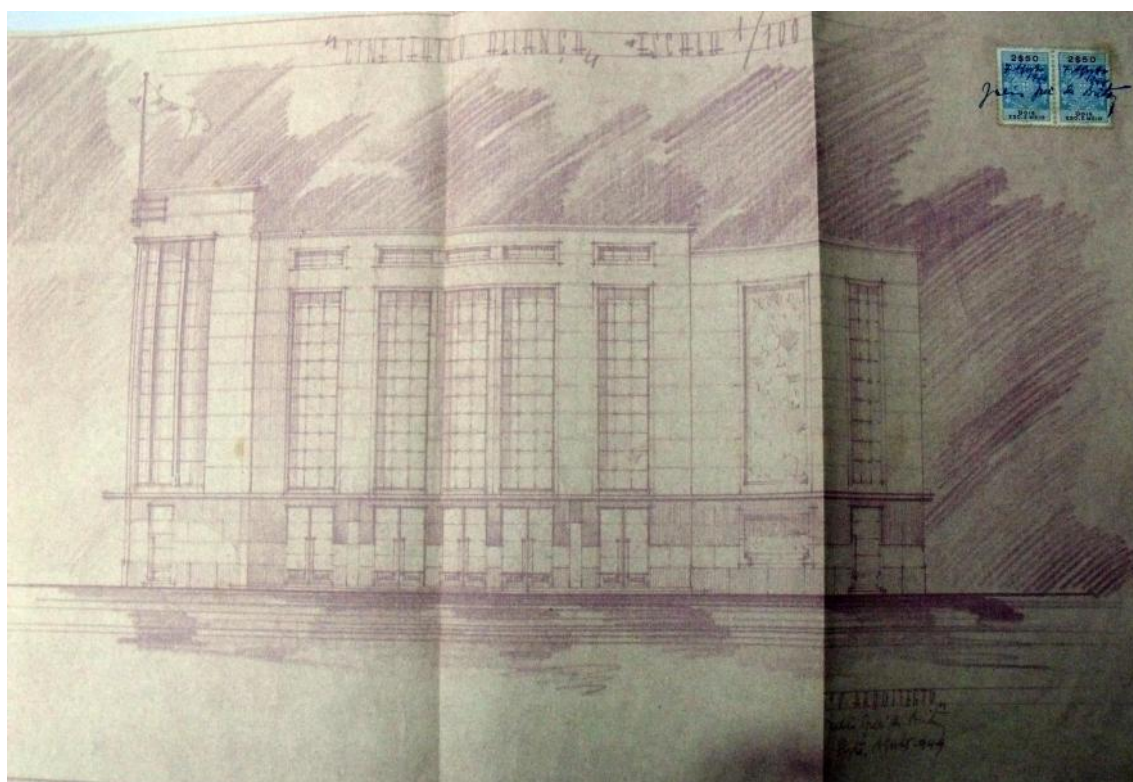
<sup>25</sup> BRANDÃO, 1992: 117.

<sup>26</sup> IDEM: 284.

iniciado e posteriormente rejeitado pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Na sequência do despacho do Ministro das Obras Públicas, Carlos Ramos, autor dos dois edifícios anteriores, deverá modificar o projeto de forma a que fosse mantida «a unidade geral do conjunto». Refere ainda:

*Daqueles dois edifícios, o do Hotel é bem melhor que o do Casino e embora os projectos primitivos tenham sido ambos de minha autoria, o que é uma verdade é que se o do Casino se não integrou inteiramente no espírito do do Hotel, foi porque, - é bom dizê-lo - não acompanhei a construção deste último e a decoração interior de qualquer um deles.<sup>27</sup>*

Este conjunto renova, não sem contestação, o conjunto oitocentista que referimos, autêntico cartão-de-visita da cidade, e encontrava um rival no Cineteatro Aliança (designado Teatro São Pedro na licença de ocupação de 1948), da autoria de Júlio José de Brito, constituindo «uma obra à altura das exigências turísticas e estéticas da Vila»<sup>28</sup> nas palavras do próprio autor. O belo edifício foi destruído, tal como o referido conjunto, em nome de um progresso muito contestável, ecoando o sacrifício dos estimados edifícios que, por sua vez, os haviam precedido.



**3 – Cineteatro São Pedro. Alçado sobre a Rua 8. Arquiteto Júlio José de Brito. Fonte: AME.**

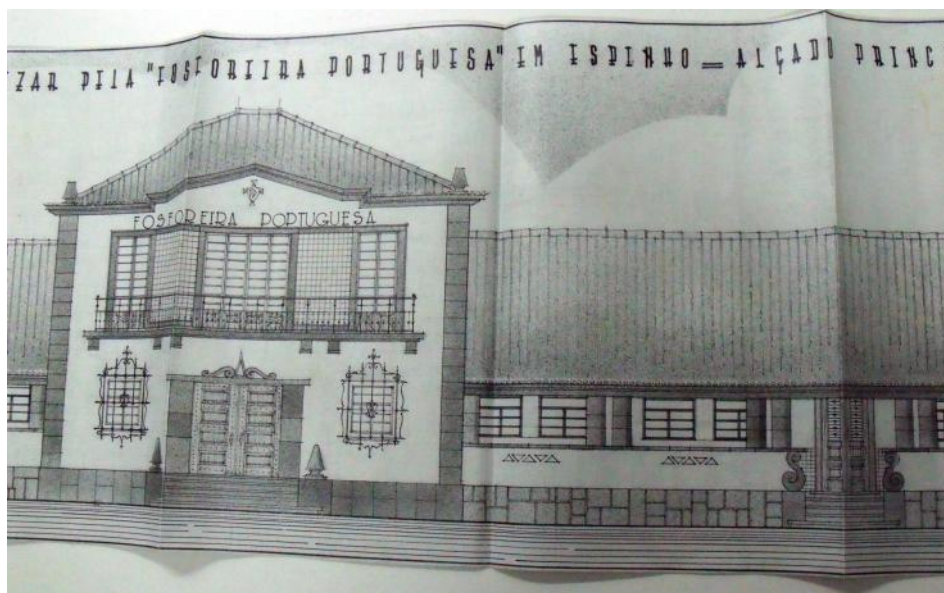
<sup>27</sup> AME – *Processos de obras*, Cine-Teatro do Casino de Espinho, Memória Descritiva e Justificativa, p. 3.

<sup>28</sup> AME – *Processos de obras*, Cine-Teatro Aliança, Memória Descritiva.

As palavras de Carlos Ramos, referindo-se ao conjunto por si projetado, revelam gravidade da perda:

*Espinho não ficará diminuído na sua expressão urbana com mais este edifício, e completar-se-á um conjunto que, se não é brilhante, goza desse magnífico privilégio de harmonia e de unidade geral de que outros conjuntos mais valiosos se não podem orgulhar.*<sup>29</sup>

Mais arrojada, a Piscina Solário Atlântico, inaugurada em 1943, e da autoria de Eduardo Martins e Manuel Passos (projeto de 1938) é indiscutivelmente modernista. Senhor de um belíssimo e sedutor desenho, o conjunto é formado por uma série de volumes articulados em volta da piscina, servida por uma prancha dupla (atualmente desativada) que encontra eco na pequena “torre” da entrada. A poética utilização do betão no interior e exterior, confere um ar sofisticado aos diversos corpos, materializando a noção da nova vilegiatura moderna de que a cidade se vinha revestindo. No caso do edifício dos Paços do Concelho, indo além da gravidade da ornamentação, evocando uma imagem que o Estado Novo pretendia para os seus edifícios de representação, estamos perante um exemplar curiosamente próximo dos seus coevos congêneres mais “modernistas”, lembrando as experiências de Cottinelli Telmo nas estações da CP e todo um conjunto de subtilezas de desenho que nos faz questionar certos chavões associados a estas arquiteturas<sup>30</sup>.

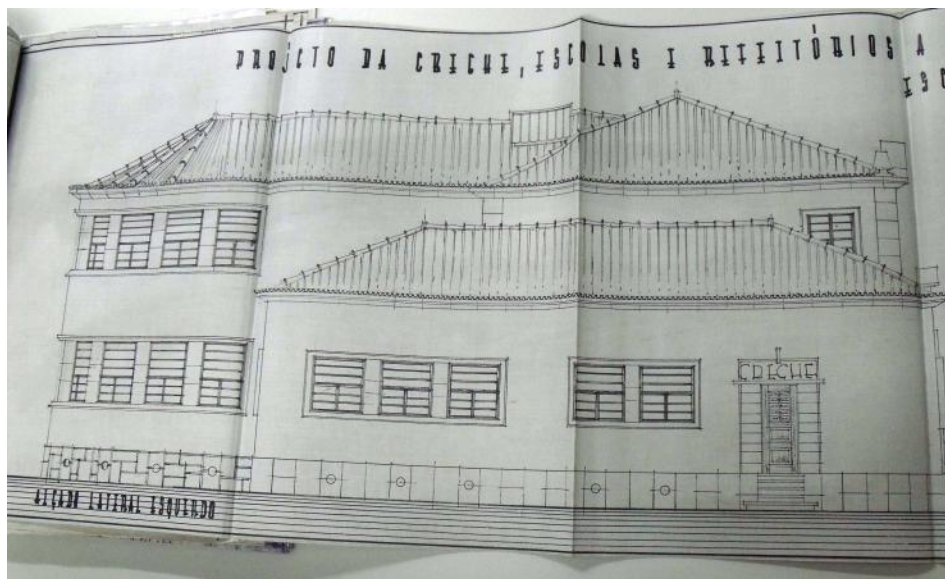


**4 – Creche da Fosforeira Portuguesa. Alçado principal. Arquiteto Jerónimo Rey. Fonte: AME.**

<sup>29</sup> AME – *Processos de obras*, Cine-Teatro do Casino de Espinho, Memória Descritiva e Justificativa, p. 3.

<sup>30</sup> O autor do projeto é desconhecido e o processo não se encontra em arquivo.

Conotado com os momentos menos modernistas do “Português Suave” temos a Creche das Fosforeira Portuguesa, da autoria de «Jerónimo Rey»<sup>31</sup> e cujo projeto tem a data de 1944. Apesar do «beiral á portuguesa»<sup>32</sup>, nos corpos posteriores, cuja carga ornamental (pináculos, aletas e mísulas, estas últimas recorrentes na arquitetura espinhense) é menor, emerge com menores restrições o carácter moderno do edifício, embora temperado por características antagónicas bem típicas das arquiteturas deste período.



**5 - Creche da Fosforeira Portuguesa. Alçado (pormenor). Arquiteto Jerónimo Rey. Fonte: AME.**

Limitados como estamos no âmbito deste artigo, optamos por referir, entre os inúmeros e interessantes exemplares, o edifício do “Nosso Café”, da autoria de Jerónimo Reis e datado de 1957. O edifício, de três pisos e uma cave, foi alvo de diversos projetos até se encontrar a solução construída<sup>33</sup>. O requintado desenho, com destaque para o jogo de linhas curvas e retas, superfícies côncavas e convexas, projeção de elementos em consola, extensas superfícies vidradas e aspetos da plástica decorativa (como a decoração da Adega em «estilo regional modernizado»<sup>34</sup> ou as «formas modernas, com a devida proporção»<sup>35</sup>, no café e salão de chá) conferem ao edifício um especial interesse.

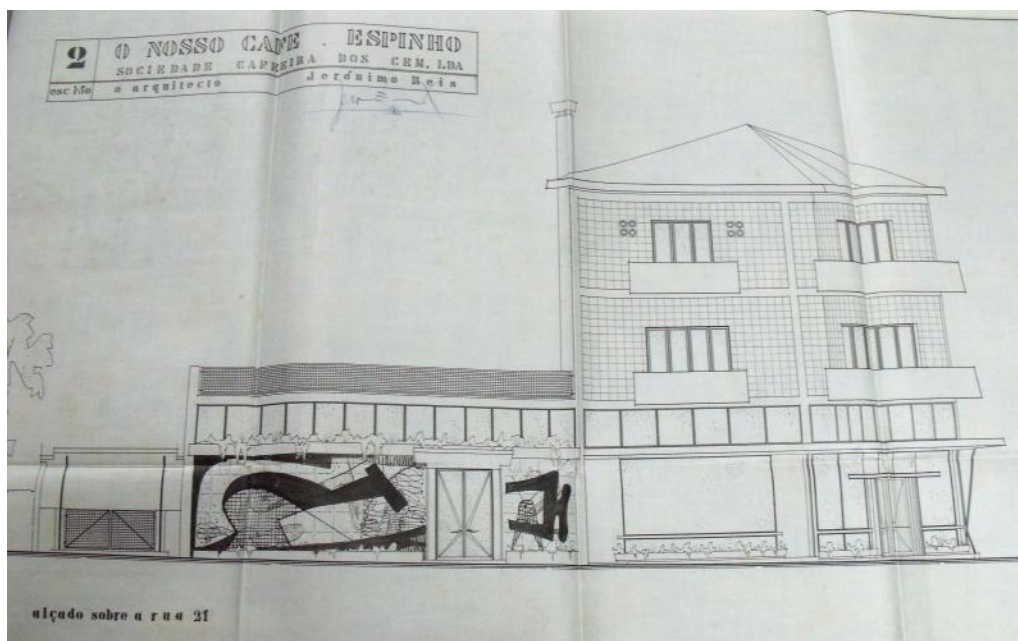
<sup>31</sup> AME – *Processos de obras*, Creche da Fosforeira Portuguesa, Memória Descritiva, p. 3. Tradicionalmente identificado com o Arquiteto Jerónimo Reis.

<sup>32</sup> AME – *Processos de obras*, Creche da Fosforeira Portuguesa, Memória Descritiva, p. 1.

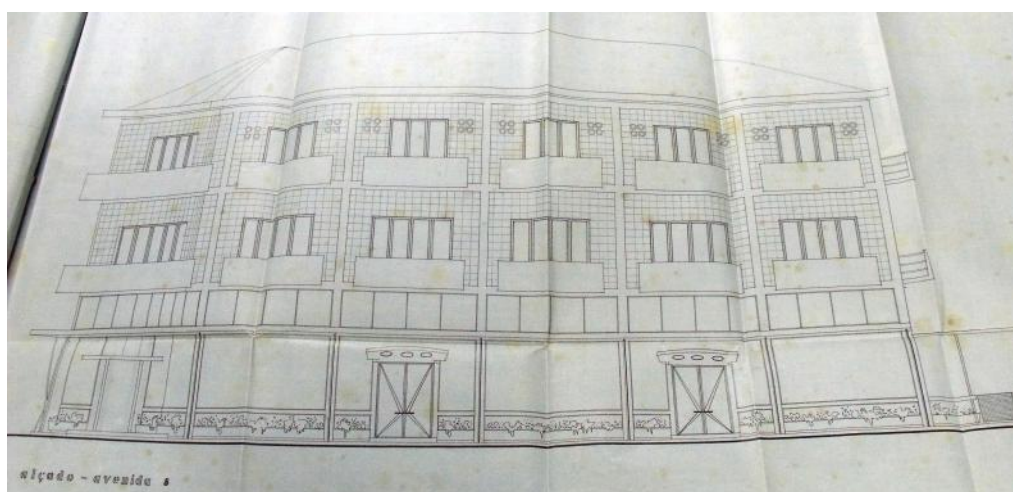
<sup>33</sup> Como se pode confirmar no processo existente no AME.

<sup>34</sup> AME – *Processos de obras*, Sociedade Cafeeira dos Cem, SARL, Memória Descritiva, p. 3

<sup>35</sup> IDEM.



**6 – O Nosso Café. Alçado sobre a Rua 21 (versão não construída). Arquiteto Jerónimo Reis. Fonte: AME.**



**7 - O Nosso Café. Alçado sobre a Rua 8 (versão não construída). Arquiteto Jerónimo Reis. Fonte: AME.**

Para Matosinhos temos ainda dois bons documentários, um de 1918 e outro de 1948<sup>36</sup>, que registam o momento imediatamente anterior à construção da Doca Número 1, o que permite conhecer o que então restava do núcleo mais antigo da vila e, no caso de 1948, assistimos à modernização da vila. Estas fontes, de enorme interesse para a investigação, documentam importantes perdas como o edifício com fachada Arte Nova do Hotel Central<sup>37</sup>, substituído pelo Hotel Porto Mar construído nos anos 40 pela equipa ARS, bem como os muito interessantes edifícios industriais.

<sup>36</sup> Disponíveis para consulta no Gabinete Municipal de Arqueologia e História.

<sup>37</sup> O processo disponível em Arquivo contém material referente unicamente ao Hotel Porto Mar, pelo que desconhecemos a sua autoria ou data de renovação/construção original.

## Conclusão

Uma primeira conclusão é a de que o estudo aprofundado de localidades como estas permite conhecer muito sobre as idiossincrasias da História da Arquitetura, e obriga a encarar com cautela algumas noções tidas como certas e como dogmas padronizados em material de divulgação. Mas dado que o nosso *leitmotiv* é o mar, como o podemos encarar?

Espinho e Matosinhos devem a sua origem e a sua evolução ao mar. Espinho é um resultado do progresso oitocentista e, ao contrário da Granja, transforma-se numa dinâmica vila onde o turismo e a indústria concorrem para o seu desenvolvimento. Matosinhos passa de aglomerado piscatório a uma vila igualmente dinâmica que concentra uma importante zona portuária e industrial, com destaque para a indústria conserveira. Em ambas as povoações o mar atua como motor de progresso. Do mesmo modo, o mar destruiu o aglomerado primitivo de Espinho e ditou uma malha urbana regular que confere características muito próprias à atual cidade. Em Matosinhos, a construção do Porto de Leixões e a falência das indústrias de conservas alterou sucessivamente a cidade. Por estes motivos, o mar foi também o gerador das diferentes identidades, encarada em sentido lato, dos locais. Espinho perdeu muito do seu edificado mas um exame à cidade, mesmo que tão superficial como o nosso, permite ainda perceber algumas características da sua evolução arquitetónica. Em Matosinhos o nível de descaracterização é muito maior, pelo que dificilmente se percebe o que se perdeu. A especulação imobiliária conduziu a uma autofagia que não tem conhecido limites.

Mas como encarar esta dicotomia? O progresso comprometeu a identidade primitiva de Matosinhos aquando da expansão do Porto de Leixões. Adquirida uma nova identidade, de cunho mais «modernista»<sup>38</sup>, dá-se novo processo de transformação que dizimou os edifícios de maiores dimensões e criou vastos conjuntos de habitação plurifamiliar. Matosinhos parece procurar, desta forma, uma nova identidade. O que podemos dizer de Espinho?

Vimos já como as transformações de alguns conjuntos (Bragança, Chinês, Assembleia/Hotel, Cineteatro, Casino) foram sucessivamente alterados e

---

<sup>38</sup> Para utilizar a expressão do filme de 1948.

descaracterizados. Vimos também como edifícios de elevada qualidade, como o Cineteatro São Pedro, foram demolidos. O edificado mais antigo, como as «villas» ou «vivendas», foi demolido ou encontra-se muito degradado. Atentando num dos bilhetes-postais ilustrados mais conhecidos, podemos observar um destes atos de mutilação, ao constatar que o edifício que alberga atualmente a *Padaria Latina 98* foi “cortado” ao meio<sup>39</sup>.

Ao lado, podemos o ver lugar onde até há poucos meses se elevava “O Nosso Café”. Esta sucessão de momentos destrutivos representa um empobrecimento da qualidade arquitetónica do edificado. É importante atentar que, quando nos afastamos do olhar especializado, ainda há dificuldade em considerar como “património” um edifício como este, pelo que o papel do investigador é determinante para se poder alterar a tendência de que Espinho e Matosinhos, como outros locais, são vítimas.

---

<sup>39</sup> O projeto de um acrescento, disponível no AME, revela uma interessante solução.

**Tabela I – Espinho e Matosinhos – Cronologias**

| <b>Data</b>                   | <b>Espinho</b>                                                                                                       | <b>Matosinhos</b>                                                                                                                                                                                          |
|-------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1514                          | Vila da Feira recebe Foral – não há referência a Espinho                                                             | Foral                                                                                                                                                                                                      |
| Segunda metade do século XVI  |                                                                                                                      | Construção da nova igreja e transferência da sede da paróquia de Bouças para Matosinhos                                                                                                                    |
| Segunda metade do século XVII | Primeiras colónias sazonais de pescadores vindos de Ovar                                                             | Modernização dos retábulos da igreja                                                                                                                                                                       |
| 1737                          | Primeira referência documental aos pescadores da costa de Espinho a propósito de uma revolta em Ovar                 | Cerqueira Pinto publica “História da Prodígiosa Imagem de Christo Crucificado que com o título de Bom Jesus de Bouças se venera no lugar de Matosinhos”, quatro anos após a inauguração da nova capela-mor |
| 1771                          | Primeiro registo de um nascimento em Espinho                                                                         | Há 30 anos fora celebrado contrato com Nasoni para a remodelação da igreja                                                                                                                                 |
| 1776                          | Mijaule introduz o processo de salmoura no Furadouro – as colónias de pescadores adquirem um carácter menos precário | Poucos anos depois os pescadores de Espinho começam a estabelecer ligações com Matosinhos                                                                                                                  |
| Primeira metade do século XIX | Primeiros banhistas na praia de Espinho e primeiras casas de “pedra e cal” (anos 40)                                 |                                                                                                                                                                                                            |
| 1853                          | Dentro de dez anos o comboio passaria no lugar de Espinho (1863)                                                     | Criação da Vila de Matosinhos-Leça e elevação a sede do Concelho de Bouças                                                                                                                                 |
| 1876                          | Início do Plano de Melhoramentos – extensão em malha regular                                                         |                                                                                                                                                                                                            |
| 1886                          |                                                                                                                      | Primeiro navio a arribar ao Porto de Leixões (ainda em construção)                                                                                                                                         |
| 1889                          | Espinho passa a freguesia                                                                                            |                                                                                                                                                                                                            |
| 1892                          |                                                                                                                      | Concluída a primeira fase das obras de Leixões                                                                                                                                                             |
| 1894                          | Criação da Fábrica de Conservas Brandão Gomes                                                                        | Abertura de uma fábrica da Brandão Gomes em Matosinhos dentro de poucos anos                                                                                                                               |
| 1899                          | Criação do Concelho de Espinho                                                                                       |                                                                                                                                                                                                            |
| Viragem do século             | Nova planta pelo Engenheiro Bandeira Neiva                                                                           | Melhoramentos urbanos (malha regular; rede de transportes), arranjo das praias, expansão da Indústria                                                                                                      |
| 1909                          |                                                                                                                      | Criação do Concelho de Matosinhos                                                                                                                                                                          |
| 1910                          | Destruição completa do núcleo primitivo pelas invasões do Mar; numeração das ruas                                    |                                                                                                                                                                                                            |
| Anos 30                       | Início do declínio da indústria conserveira em Espinho                                                               | Matosinhos começa a dominar a indústria conserveira nacional                                                                                                                                               |
| Anos 40                       | Construção da Capela de São Pedro com fundos de pecadores de Espinho e Matosinhos                                    | Inauguração da Doca N° 1 (1940)                                                                                                                                                                            |

**Tabela II – Espinho – Momentos Arquitetónicos**

| <b>Revivalismo/Ecletismo</b>                                                                            |                                         |                                                                                        |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Edifícios</b>                                                                                        | <b>Cronologia</b>                       | <b>Localização aproximada</b>                                                          |
| Habitação unifamiliar (percentagem reduzida ou elementos isolados)                                      | Finais do século XIX                    | A poente da Rua 16                                                                     |
| Igreja Matriz                                                                                           | 1902-1933                               | Ruas 18-20                                                                             |
| Praça de Touros                                                                                         | 1909                                    | Avenida 20                                                                             |
| <b>Arte Nova e Beaux-Arts</b>                                                                           |                                         |                                                                                        |
| <b>Edifícios</b>                                                                                        | <b>Cronologia</b>                       | <b>Localização aproximada</b>                                                          |
| Edifício completo:<br>-Antigo Balneário;<br>-Estabelecimento comercial                                  | 1915<br>?                               | Rua 8<br>Rua 8/Rua 19                                                                  |
| Renovações/plástica decorativa:<br>-Habitação com loja (padaria);<br>-Várias Habitações com ou sem loja | 1899 – Re. 1915<br><br>Até aos anos 20  | Rua 19<br><br>No contexto urbano coevo:<br>-a Poente da Rua 18;<br>-isolada («villas») |
| Elementos pontuais da plástica decorativa sobre modelos tradicionais:<br>-Habitação                     | Geralmente até aos anos 20              | No contexto urbano coevo:<br>a Poente da Rua 18                                        |
| Evocações <i>Beaux-Arts</i> em elementos no contexto da Arte Nova                                       | Até à década 30                         | Dispersas                                                                              |
| <b>«Prédios Modernos» - Influência das Artes Déco</b>                                                   |                                         |                                                                                        |
| <b>Edifícios</b>                                                                                        | <b>Cronologia</b>                       | <b>Localização aproximada</b>                                                          |
| Fábricas                                                                                                | Década de 30 (sobretudo segunda metade) | Dispersas                                                                              |
| Habitações uni e plurifamiliares, geralmente com estabelecimento comercial                              | Década de 30                            | Principalmente entre as Ruas 14 e 18                                                   |
| Hotel Palácio                                                                                           | Década de 30                            | Avenida 8                                                                              |
| <b>Arquiteturas Modernas e Modernistas</b>                                                              |                                         |                                                                                        |
| <b>Edifícios</b>                                                                                        | <b>Cronologia</b>                       | <b>Localização aproximada</b>                                                          |
| Piscina Solário Atlântico                                                                               | Inaugurada em 1943                      | Esplanada (Rua 2)                                                                      |
| Cineteatro São Pedro                                                                                    | Inaugurado em 1948                      | Rua 8                                                                                  |
| Casino                                                                                                  | Década de 40                            | Avenida 8                                                                              |
| Cineteatro do Casino                                                                                    | Inaugurado em 1951                      | Avenida 8                                                                              |
| Câmara Municipal                                                                                        | Década de 40                            | Rua 19/Rua 20                                                                          |
| Creche da Fosforeira Portuguesa                                                                         | 1944                                    | Rua 20                                                                                 |
| -Habitação unifamiliar e plurifamiliar<br>-Cafés/restaurante                                            | Décadas de 50 a 70                      | Por toda a cidade                                                                      |

**Tabela III – Espinho e Matosinhos – Exercício de comparação**

| <b>Aspeto</b>                            | <b>Espinho</b>                                                                                                   | <b>Matosinhos</b>                                                                                                                                                   |
|------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Núcleo mais antigo                       | Irregular – destruído pelas invasões do mar na primeira década do século XX                                      | Pequenos vestígios – destruição das margens do Leça com a construção do Porto de Leixões a partir dos anos 20                                                       |
| Organização da malha urbana atual        | Quadrícula de ruas paralelas e perpendiculares à linha férrea – ruas numeradas                                   | Dois blocos de quadrícula com eixos de alinhamento diferentes convivem com arruamentos irregulares                                                                  |
| Causa provável da solução adotada        | Permitir uma expansão ordenada da cidade a partir do núcleo precário inicial                                     | Desenvolvimento da área industrial e melhoramento das vias de comunicação                                                                                           |
| Quarteirões                              | Dimensão variável mas geralmente pequenos, aglutinados em conjuntos para desenvolvimento de indústrias           | Na sua maioria extensos, muitos dos quais destinados exclusivamente à indústria formando vastas zonas industriais                                                   |
| Coerência da malha urbana                | As características alteram-se apenas à medida que nos afastamentos do “centro” (NS: Ruas 3 a 43; E: 32)          | As características alteram-se de rua para rua à medida que nos aproximamos do Sul – dificuldade em definir um “centro”                                              |
| Conservação/alteração do edificado       | Apesar das perdas muito significativas a manutenção de cêrceas baixas até à Rua 20 menoriza o impacto da mudança | Substituição ou descaracterização da maioria das construções até ao final da primeira metade do século XX que possuísem maiores lotes (fábricas e moradias urbanas) |
| Qualidade geral do edificado mais antigo | Assinalável interesse de grande parte do edificado; gosto pela ornamentação dos edifícios                        | Qualidade muito desigual; existência de “ilhas”; exemplares com muito interesse lado a lado com construção corrente                                                 |

## Bibliografia

- ANACLETO, Maria Regina – *Arquitectura neomedieval portuguesa: 1780-1924*. Lisboa: Fundações Calouste Gulbenkian, 1997.
- ANDRADE, Agostinho – *Diccionario Chorographico do Reino de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1878.
- BRANDÃO, Francisco Azevedo – *Anais da História de Espinho (1926-1960)*. Espinho: Edição do Autor, 1992.
- BRANDÃO, Francisco Azevedo – *Anais da História de Espinho (985-1926)*. Espinho: Edição do Autor, 1991.
- BRANDÃO, Francisco de Azevedo (1983) – *O Culto de Nossa Senhora da Ajuda em Espinho*. «Boletim Cultural da Câmara Municipal de Espinho», Volume V, Número 17. Espinho: Câmara Municipal de Espinho.
- CARDOSO, António (1992) – *O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do séc. XX*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento.
- CASTRO, Carla (2005) – *Morfologia Urbana Espinhense (1863-1913)*. Disponível em:  
<[http://aleph.letras.up.pt/exlibris/aleph/a18\\_1/apache\\_media/T7DDJKN7NCKFRTKHYMTMQLYHDMX356.pdf](http://aleph.letras.up.pt/exlibris/aleph/a18_1/apache_media/T7DDJKN7NCKFRTKHYMTMQLYHDMX356.pdf)>, [Consulta realizada em 10/08/2011].
- DIAS, Benjamin da Costa (1981) – *Narrativas e Documentos*. «Boletim Cultural da Câmara Municipal de Espinho», Volume III, Número 11 e 12. Espinho: Câmara Municipal de Espinho.
- FAUSTINO, Artur – *Capela de S. Pedro*. Espinho: Comissão de Festas de 1992, 1992.
- FERNANDES, Maria (1999) – *Francisco da Silva Rocha (1864-1957). Arquitectura Arte Nova. Uma Primavera Eterna*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- GAIO, Carlos Morais – *A génese de Espinho: histórias e postais*. Porto: Campo das Letras, 1999.
- PEREIRA, Álvaro – *Espinho: Monografia*. Santa Maria de Lamas: Edição do Autor, 1970

- RIBEIRO, Armando (2001) – *Sociabilidades e marginalidades em Espinho: práticas sociais, culturais e associativas (1889-1915)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.

## Fontes

- Arquivo Municipal de Espinho (AME):
  - *Requerimentos de licença de construção*
    - Sociedade Cafeeira dos Cem, SARL
    - Cine-Teatro do Casino de Espinho
    - Cine-Teatro Aliança
    - Creche da Fosforeira Portuguesa
- Biblioteca Municipal de Espinho (BME):
  - BASE de Fotografias da Biblioteca Municipal de Espinho. [Em linha]. Espinho: CME, 2004. Disponível em: <<http://www.cm-espinho.pt/bibliopac/bin/wxis.exe/bibliopac/?IsisScript=bibliopac.xic&db=FOTOS&lang=P&start=>>>, [Consulta realizada em 20/08/2011]
  - BASE de Postais da Biblioteca Municipal de Espinho. [Em linha]. Espinho: CME, 2004. Disponível em: <<http://www.cm-espinho.pt/bibliopac/bin/wxis.exe/bibliopac/?IsisScript=bibliopac.xic&db=POSTAIS&lang=P&start=>>>, [Consulta realizada em 20/08/2011]